

ESCOLA ESTADUAL MONTEIRO LOBATO
FILOSOFIA – 3ª SÉRIE – PROF. GIBSON
3º BIMESTRE – SEMANA DE 17 a 21/08/2026
LEITURA 5

Simone de Beauvoir (1908–1986) foi uma das intelectuais e filósofas mais marcantes do século XX. Nascida em Paris, estudou filosofia na prestigiosa *École Normale Supérieure*, onde conheceu Jean-Paul Sartre, seu parceiro intelectual e afetivo de toda a vida. Beauvoir foi professora de filosofia em várias escolas francesas antes de se dedicar inteiramente à escrita de romances, ensaios filosóficos e textos políticos. Apelidada carinhosamente de "Castor" (beaver) por sua impressionante dedicação ao trabalho intelectual, ela atuou como escritora pública, ativista política e coeditora da influente revista *Les Temps Modernes* ao lado de Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

A sua contribuição para a Filosofia contemporânea é profunda, tendo transformado o campo da **ética existencialista** e fundado as bases conceituais do **feminismo existencialista** moderno. Suas principais contribuições filosóficas estruturam-se em quatro grandes eixos:

1. O Feminismo Existencialista e a Construção Social do Gênero

Em sua obra magna, **O Segundo Sexo** (1949), Beauvoir realiza uma das primeiras e mais completas desconstruções da opressão de gênero na história da filosofia.

- **"Não se nasce mulher: torna-se mulher"**: Com esta tese célebre, Beauvoir argumenta que a feminilidade não é um destino biológico, psicológico ou econômico fixado pela natureza. O sexo biológico é uma realidade anatômica, mas o gênero — o conjunto de comportamentos, expectativas e papéis sociais atribuídos ao feminino — é uma **construção cultural e histórica** elaborada para manter a mulher em uma situação de subordinação.
- **A Mulher como o "Outro" (L'Autre)**: Beauvoir demonstra que a cultura e a filosofia foram historicamente dominadas pelos homens. O homem define a si mesmo como o **Sujeito Absoluto** e a norma do ser humano, enquanto a mulher é definida e diferenciada apenas em relação ao homem. Ela é caracterizada como o desvio, o incidental e o **inessencial** (o "Outro") perante o essencial masculino.

2. A Liberdade Situada e a Crítica a Jean-Paul Sartre

Embora partilhasse dos fundamentos do existencialismo de Sartre, Beauvoir ofereceu uma importante e realista correção à noção de liberdade formulada por seu companheiro:

- **Limites da Liberdade Ontológica**: Enquanto Sartre (em *O Ser e o Nada*) postulava que a liberdade humana é absoluta e incondicional frente às circunstâncias, Beauvoir introduz o conceito de **liberdade situada**.
- **A Opressão Real**: Ela demonstra que a opressão sistemática e prolongada é capaz de circunscrever tanto a existência de um indivíduo que ele perde a capacidade prática de vislumbrar alternativas ou de projetar um futuro diferente. Nesses casos de subordinação severa, os oprimidos não agem de "má-fé" por não se revoltarem; a sua própria liberdade ontológica foi mutilada pela situação.

3. A Ética da Transcendência Recíproca

Em sua obra **Por uma moral da ambiguidade** (1947), Beauvoir formula uma ética existencialista que rejeita receitas abstratas, focando na contradição fundamental do ser humano de ser, ao mesmo tempo, sujeito (consciência livre) e objeto (corpo físico inserido no mundo):

- **Assumir a Ambiguidade:** Viver eticamente exige reconhecer e abraçar essa ambiguidade existencial, rejeitando a "atitude de seriedade" — que é a postura dogmática de subordinar a liberdade humana a valores tidos como absolutos e prévios (como o dinheiro, a pátria ou o poder).
- **A Liberdade do Outro:** Ao contrário de Sartre, para quem as relações humanas são inerentemente conflituosas e limitadoras ("o olhar do Outro rouba meu mundo"), Beauvoir defende que **a liberdade individual requer a liberdade dos outros**. Projetos, criações e culturas são colaborativos; a opressão exercida pelo opressor acaba por diminuir a sua própria transcendência, ao limitar a riqueza do mundo e dos projetos partilhados em que ele mesmo poderia se engajar.

4. A Cumplicidade e a Necessidade de um "Nós" Coletivo

Beauvoir também examina as razões pelas quais as mulheres muitas vezes consentiram com a própria dominação:

- **A Fugacidade da Liberdade (Cumplicidade):** Assumir uma existência livre gera angústia, responsabilidade e tensão. Diante disso, algumas mulheres preferem fugir de sua liberdade e constituir-se em "coisas", adotando papéis passivos e confortáveis em troca da proteção masculina. Beauvoir detalha três papéis inautênticos de má-fé: a **Narcisista** (que se trata como um objeto bonito), a **Mulher Apaixonada** (que abdica de seus projetos para deificar o parceiro) e a **Mística** (que transfere sua liberdade para Deus).
- **A Falta de Coesão Histórica:** Diferente do proletariado (unido pela solidariedade de classe) ou de minorias raciais que se organizavam em guetos, as mulheres sempre viveram dispersas entre os homens, associando-se prioritariamente à classe e raça de seus pais e maridos. Sem a capacidade de dizer um "**nós**" coletivo, a revolução e a mudança social tornam-se consideravelmente mais difíceis de emergir.

O legado de Simone de Beauvoir permanece inestimável: além de reabilitar o papel do corpo vivido, da reprodução e do envelhecimento na filosofia, ela estabeleceu as bases epistemológicas necessárias para a luta contra preconceitos históricos que pretendiam reduzir a vivência humana a determinações puramente naturais.